

Trajetória de vida, silêncio e dor materializados nos objetos afetivos de uma idosa asilada

Trajectory of life, silence and pain materialized in the affective objects of an elderly nursing home

La trayectoria de la vida, el silencio y el dolor se materializaron en los objetos afectivos de un hogar de ancianos

Marta Maria Gonçalves Rigueira
Rita de Cássia Pereira Farias

RESUMO: O artigo trata de uma análise antropológica e psicológica sobre a relação entre os artefatos pessoais de uma idosa e o sofrimento psíquico acumulado em sua trajetória de vida. As alianças e anéis reportam à segurança proporcionada pela mãe, avó e patroa, enquanto os quatro terços de reza simbolizam os afetos e sofrimentos. As bonecas reportam aos abusos sexuais praticados pelo avô durante a infância, uma forma simbólica da idosa impedir a violação do corpo físico, algo que ela não conseguiu preservar em sua vida real.

Palavras-chave: Velhice; Objetos afetivos; Subjetividade.

ABSTRACT: *The article is an anthropological and psychological analysis on the relation between the personal artifacts of an elderly woman and the psychic suffering accumulated in her life trajectory. The rings refer to the security provided by the mother, grandmother and mistress. The thirds of prayers symbolized the affections and sufferings. The dolls reports the sexual abuse practiced by the grandfather, a symbolic form of her prevent the violation of the body physical, something she could not prevent in her real life.*

Keywords: *Old age; Affective objects; Subjectivity.*

RESUMEN: *El artículo aborda un análisis antropológico y psicológico sobre la relación entre los artefactos personales de una mujer mayor y el sufrimiento psíquico acumulado en su trayectoria de vida. Los anillos y los anillos informan sobre la seguridad brindada por la madre, la abuela y el empleador, mientras que los cuatro tercios de la oración simbolizan los afectos y sufrimientos. Las muñecas denuncian el abuso sexual de su abuelo durante su infancia, una forma simbólica para que la anciana evite la violación de su cuerpo físico, algo que no pudo preservar en su vida real.*

Palabras clave: *Vejez; Objetos afectivos; Subjetividad.*

Introdução

O envelhecimento corresponde a um processo multifacetado, complexo e situado no tempo e no espaço (Py, 2006). A forma como a velhice é percebida decorre das experiências e simbolismos acumulados na trajetória de vida. Aqueles que viveram bem terão boas lembranças para recordar, enquanto aqueles que tiveram uma vida sofrida, poderão ter sua velhice marcada por traumas e dores, como o caso da Dona Maju, uma idosa residente em uma Instituição de Longa Permanência, analisada neste artigo.

O envelhecer saudável não pode ser visto como um fator de sorte do idoso, mas como uma condição esperada e de direito. Segundo Py (2006), o processo de envelhecimento do corpo é peculiar à individualidade de cada ser, não sendo sinônimo de adoecimento nem de chegada da morte, embora esses aspectos possam estar presentes. Assim, tanto a sociedade quanto o grupo familiar precisam conhecer o processo do envelhecimento como uma questão voltada para os interesses e necessidades do próprio idoso e que varia de indivíduo para indivíduo.

Como o sujeito é portador da sua individualidade, existem formas diversas de se encarar a velhice. Por consequência, em um grupo de idosos institucionalizados, que recebe o mesmo estímulo social, pode haver sujeitos que se sintam bem integrados no ambiente e outros, sem pertencimento com o local, e as relações que ele proporciona.

A velhice envolve um fenômeno contínuo, constituído pelas diversas relações que os indivíduos estabelecem nas suas interações sociais ao longo de sua trajetória familiar, profissional e social (Rey, 2002).

O autor alerta que os processos subjetivos do envelhecer não se desenvolvem abruptamente, mas se iniciam com o início da vida e continuam sendo marcados pelas mudanças ocorridas até o final da vida. Assim, a temporalidade é vista como um aspecto da constituição da subjetividade, que surge a partir de vivências, de imaginários, relações e afetividades que devem ser compreendidos na sua historicidade. O envelhecer constitui um processo sociocultural que deve ser compreendido em sua singularidade e dentro do contexto no qual está inserido.

Um fator que pode ser impactante na vida na instituição asilar refere-se à intimidade. Enquanto alguns idosos têm seu dormitório preservado como espaço íntimo, outros deles, notadamente os mais debilitados, dispõem de pouca privacidade. Além de dividir o dormitório com outros internos, as portas ficam abertas, e os visitantes e cuidadores entram e saem sem considerar as preferências dos internos.

A pouca individualidade dos idosos institucionalizados refere-se também aos pertences que eles carregam consigo. Enquanto alguns mantêm mais pertences pessoais adquiridos em seu curso de vida, outros possuem poucos objetos pessoais, mas que são muito significativos, permeados por simbolismos, histórias e memórias.

Diante desses aspectos, a institucionalização é frequentemente vista como algo negativo e como uma situação estressante e desencadeadora de depressão, que pode conduzir os idosos a significativos sofrimentos (Freitas, & Scheicher, 2010).

Diante da situação de sofrimento psíquico, os idosos se apegam a seus objetos pessoais e decorativos presentes nas camas e nos móveis de seus dormitórios, como fotografias, bonecas, ursos, artefatos religiosos, flores artificiais, dentre outros. Esses objetos afetivos personificam traumas psíquicos ou memórias agradáveis que acompanham a trajetória desses idosos, fazendo-lhes companhia, cujo repertório material e simbólico conecta o passado e o presente mediante as lembranças que acionam.

Bosi (1994) classifica esses pertences como *objetos biográficos*, vistos como relíquias de família que trazem lembranças, fazem parte da sua história relacional e emocional e acompanham a trajetória de vida do seu proprietário. Esses artefatos possuem alto valor simbólico, independentemente do tempo cronológico da sua aquisição.

Penn (2002) argumenta que os objetos possuem significados, sendo que o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto comunicativo que acompanha o *status* dos objetos. Dessa forma, o autor defende que os sistemas de signos necessitam da mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos ou razões).

Conforme Farias (2010, p. 2), “os artefatos, além de mesclar fatores materiais e tecnológicos, trazem informações relevantes sobre a vida social, pois mediam relações humanas e refletem valores e ideias, além de envolver sentimentos e memórias”. A autora ainda menciona que:

A participação histórica dos artefatos nas relações sociais indica a forma como ocupamos o espaço, o nosso estilo de vida e valores. Além disso, eles corporificam e veiculam significados, materializam ideias e reproduzem relações sociais, podendo também atuar como instrumentos de socialização, preservação, e manutenção de valores. Descobrir os investimentos sociais que são feitos nos objetos permite entender a sociedade que os recriou (Farias, 2010, p. 21).

Os artefatos dispostos na intimidade dos idosos institucionalizados são elementos que reportam a emoções, lembranças e memórias da trajetória de vida e das relações que marcaram as suas vidas. Adquirir e manter um artefato é uma forma de se identificar com o seu significado subjetivo. O fato de uma pessoa idosa possuir e manter o artefato na sua intimidade sugere uma identificação entre o portador e o que é portado, representando uma importante relação guardada nos escombros da memória que merece ser desvendada para uma maior compreensão da singularidade envolvida na velhice. Conforme Bosi (2003), a memória garante o vínculo necessário com o passado, onde se encontra a força para a criação da identidade, principalmente quando se fala da memória-experiência, da memória vivida nos diferentes tempos da vida.

Considerando-se que a pessoa idosa possui uma subjetividade construída em sua história de vida, a partir dos diferentes elementos que entram na composição do seu repertório cultural, é importante desvelar como a pessoa idosa se percebe em relação a seu universo exterior e intrínseco, estimulando a reconstrução da memória enquanto recurso cognitivo.

Nesse processo, alguns elementos da memória são facilmente acessados, enquanto outros possuem difícil acesso. Conforme Candau (2012), os elementos que são esquecidos também fazem parte da memória, podendo permanecer no âmbito do esquecimento. Nesse sentido, Rey (2005, p. 15) sugere considerar as condições pessoais do sujeito, já que “a organização dos processos de sentido e de significação aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”.

Dessa forma, o presente artigo trata de um estudo sobre o processo de institucionalização asilar de uma idosa, buscando apreender a relação entre os objetos afetivos e sua trajetória de vida, marcada por medos e traumas.

Por considerar a individualidade e subjetividade envolvida no processo de institucionalização, a presente pesquisa poderá trazer dados relevantes para a compreensão sobre a realidade das ILPs e da pessoa idosa que ali vive, subsidiando as ações da instituição e as políticas sociais voltadas para a pessoa idosa.

O campo empírico e os procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência de idosos de uma cidade do interior mineiro, de porte mediano, onde residem 41 idosos, sendo 27 mulheres e 14 homens. A instituição possui idosos acamados e com saúde debilitada, como também idosos ativos e hígidos. Alguns idosos vão para a instituição por própria vontade, outros vão por comum acordo com os familiares, enquanto outros vão enganados pelos familiares que lhes afirmam que eles vão passar apenas um tempo na instituição e depois voltarão para buscá-los, entretanto, sequer retornam para visitá-los.

Visando a assegurar o sigilo sobre a organização pesquisada e preservar a identidade da pessoa entrevistada, os nomes próprios que emergiram durante as narrativas foram substituídos por pseudônimos. Além disso, não foram citados nomes de lugares, municípios ou instituições. O projeto da pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos sob registro número 2.873.022.

O processo investigativo pautou-se na abordagem qualitativa, por buscar compreender como a idosa participante da pesquisa vivencia a realidade da instituição asilar, em seus aspectos materiais, simbólicos e relacionais. Quanto à natureza, a pesquisa se caracteriza como compreensiva, por voltar-se para a descrição e entendimento da complexidade de um fenômeno social que se manifesta na velhice.

No caso da presente pesquisa, busca-se apreender o significado do comportamento de uma idosa residente em uma Instituição de Longa Permanência, desvelando o simbolismo dos objetos que ela porta e a relação com sua trajetória de vida. A pesquisa trata de um estudo de caso, modalidade metodológica utilizada, segundo Martins (2008), para descrever, interpretar e avaliar situações em que o elemento humano está presente em sua totalidade e complexidade.

A idosa em estudo, identificada nesse artigo como Dona Maju, tinha 92 anos, era a primogênita de um casal que teve sete filhos, solteira, órfã desde os oito anos de idade e natural de um município de Minas Gerais. Ela estava internada há nove anos na ILPI sem ter contato com a sua família e sem receber notícias do paradeiro de seus irmãos, que ela não via por 76 anos.

Dona Maju passou sua vida sem ter um lugar definitivo, sendo deslocada de um lugar para outro, conforme interesses e circunstâncias alheias à sua vontade. Até os oito anos, ela viveu com os seus pais. Com a morte da mãe, ela foi viver com os avós, sendo violentada sexualmente pelo próprio avô. Com 16 anos, sua avó a entregou a uma família que estava de mudança para o município onde ela se encontrava institucionalizada. Ela residiu com essa família, dos 16 aos 83 anos, realizando os trabalhos domésticos, tendo cuidado de três gerações. Quando a patroa morreu, ela foi levada para o asilo, onde permaneceu dos 83 aos 92 anos, até a sua morte, em 2018.

A pesquisa iniciou-se com a observação da dinâmica e rotina da instituição pesquisada, visando à aproximação com os idosos e com a equipe técnica, além da observação dos aspectos arquitetônicos, relacionais e afetivos, cujos detalhes foram registrados em um caderno de campo, além da utilização de uma câmera fotográfica para capturar as especificidades do espaço para posterior transcrição e análise.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa-ação, tendo em vista a detecção que a idosa em estudo passava por intenso sofrimento psíquico, que necessitava de um acompanhamento psicológico, dada a complexidade do seu caso. Como a ILPI em estudo não possuía um profissional da área, foi acordado com a direção que seria feita uma intervenção psicológica, que ocorreu durante treze encontros, totalizando 16 horas trabalhadas.

Assim, a investigação científica foi conjugada com a atenção psicológica, buscando-se realizar uma escuta psicoterápica atrelada a outros recursos que pudessem

proporcionar apoio e conforto emocional para aquela pessoa que, ao longo dos últimos 86 anos, se encontrava aprisionada a lembranças dos maus-tratos que sofreu.

O recurso da fala poderia distanciá-la do sofrimento e fazê-la experimentar uma vida emocional mais saudável.

Tendo em vista as especificidades do caso de Dona Maju, utilizou-se no processo interventivo a Dessensibilização Sistemática, visando a amenizar seu sofrimento psíquico, mediante a exposição/aproximação à experiência traumática (Moreira, & Medeiros, 2007).

Araújo (2011) ressalta que esse recurso psicoterápico possibilita expor a pessoa fóbica, direta e gradualmente, à situação temida, associando com a técnica de respiração diafragmática que visa a reduzir os sintomas ansiosos promovidos pelo medo.

Turner (2002) salienta que a redução do trauma é favorecida quando o paciente sente segurança e confiança em seu aplicador, facilitando o processo de comunicação.

Conforme Gayotto (1992), o vínculo é uma estrutura complexa de relação que vai sendo internalizada, possibilitando, na vivência com o outro, constituir-se enquanto sujeito, possibilitando interpretar a realidade por meio de uma história vincular que se tece nessa relação.

A cada novo encontro, o vínculo era fortalecido e Dona Maju se abria gradativamente, aceitando as intervenções e aplicações das técnicas psicoterápicas, possibilitando que viessem à tona emoções, sensações e sentimentos reprimidos, durante uma vida de amargura, ressentimentos, expressos na sua relação com seus artefatos.

Assim, além das respostas explícitas da participante da pesquisa, foram registrados elementos expressos na comunicação não verbal: postura, linguagem corporal, o tom de voz, os gestos e expressões faciais, o silêncio, as demonstrações de sensações e sentimentos. Conforme Py (2006), a comunicação é toda a manifestação do ser humano, na qual também está incluído o silêncio. Silva et al. (2010) defende que a comunicação verbal exterioriza o ser social e a não-verbal, o ser psicológico.

Após as primeiras seis horas de interlocução, com o estabelecimento do vínculo de confiança, o processo comunicativo foi favorecido, as narrativas se aprofundaram e novos elementos surgiram, possibilitando analisar as falas, as cenas da intimidade e as relações subjetivas entre pessoa e objetos envolvidas na complexidade do caso.

Dona Maju: uma trajetória marcada por abusos sexuais, medo e dor

Dona Maju possuía boas condições cognitivas, era lúcida e hígida, porém passava a maior parte do dia recostada no seu leito, limitando-se a levantar para realizar suas necessidades fisiológicas e para fazer as refeições em companhia das colegas da instituição onde residia. Considerando-se a idade avançada, que requer cuidados específicos, ela possuía autonomia, independência, além da boa aceitação da sua condição de asilada. Ela era estimada e querida pelas duas companheiras com quem dividia os aposentos, sendo solicitada pelas colegas para fazer as refeições em sua companhia. Apesar da boa convivência, ela relacionava-se minimamente com os colegas, a equipe de cuidadores, voluntários e visitantes, sendo reconhecida pela discrição e serenidade.

Apesar de afirmar se sentir feliz onde se encontrava, a felicidade narrada não era expressa em sua fisionomia, que aparentava uma rigidez da musculatura, além de não oferecer abertura para a comunicação mais ampla, evidenciando que gostaria de finalizar a interlocução. Diante da aparente resistência de Dona Maju ao diálogo, foi solicitado a ela que contasse um pouco da história da sua família e de como chegou na ILPI. Ela iniciou dizendo que era a mais velha de uma família de seis irmãos, sendo quatro homens e duas meninas, de origem de uma cidade da região onde se encontrava institucionalizada. Aos oito anos de idade, ela perdeu os pais e foi morar com os avós paternos. Os quatro meninos foram doados para outras famílias. Disse que nunca mais soube qualquer notícia dos mesmos. As duas meninas, à época com aproximadamente seis meses de vida, foram levadas por um casal de tios paternos, que residiam no mesmo terreno onde moravam os avós paternos que a adotaram após sua orfandade. Relatou que, embora os tios tivessem ficado com as meninas, ela era a responsável pelos cuidados das mesmas. Como as duas residências eram muito próximas, ela era continuamente convocada pela esposa do tio a cuidar das crianças. Dona Maju demonstrava muita alegria quando falava das crianças e dos cuidados que lhes disponibilizavam, o que aponta para o amor que tinha com as pequenas.

Sobre as mortes dos seus pais, ela relatou: *“O meu pai foi morto por morte matada”* numa “toçaia”; meses depois (não se lembra ao certo) a sua mãe faleceu repentinamente. Sobre a morte da mãe, contou: *“Morreu feito passarinho, dormiu viva e não acordou mais; a morte que ela mereceu, sem dor, sem sofrimento.”*

Uma pessoa boa merece uma morte boa. Ela me apertava no serviço, mas penso que ela tinha bom coração". Em seguida, fixando o olhar, ela permaneceu calada e reflexiva.

Vijarva (2016) menciona que, na Psicanálise, o silêncio remete à resistência ao processo de mudança por parte do paciente, e, tecnicamente, à intensidade dos não-ditos no processo de investigação clínica a partir da fala. O que o autor defende que tanto a fala, quanto o silêncio, contam uma história. Mesmo que o silêncio se apresente como resistência, promove uma fresta para a manifestação do inconsciente, proporcionando um sentido para o não-dito.

Depois do silêncio, com os olhos fixos e a voz embargada, Dona Maju retrucou: *"o meu pai, acho que ele era bem mais velho do que a minha mãe, cheirava a suor, era bravo, só de olhar para a minha mãe, e para nós, a gente sentia medo"*. Ao prosseguir seu relato sobre o autoritarismo do pai, para com os filhos e esposa, Maju mencionou que o pai era um velho desagradável que promovia dor física: *"Ele batia na gente; a vara de marmelo já ficava no jeito [preparada] no canto do fogão a lenha, falava que quanto mais velha a vara fosse, mais doía no lombo da gente"*. Na fala da entrevistada, as palavras velha e velho reportavam a experiências de sofrimento.

Sua mãe, ao contrário, era vista como bondosa, carinhosa, gostava de fazer tranças em seus cabelos, catar piolhos e, quando tinha tempo, dava banho nos filhos, um por um, mas ela entendia que a mãe não tinha muito tempo disponível para todos. Os serviços atribuídos a sua mãe eram muito pesados. Ela tinha a responsabilidade de cozinhar diariamente para todos da casa e para "os companheiros" que ajudavam o pai em época de plantio ou colheita.

Quando seus pais eram vivos e moravam todos juntos, Maju ajudava no cuidado dos irmãos, principalmente das bebês, que também eram suas afilhadas. *"Madrinha é como uma segunda mãe, e foi isso que eu acabei sendo para as meninas. Quando escolhi ser madrinha das duas, parece que eu estava adivinhando o que ia acontecer"*.

Com a morte dos seus pais, a separação dos outros irmãos, e a ida para a casa dos avós, a vida foi muito sofrida. Maju passou a ajudar nos serviços pesados da casa: socar arroz, torrar café, passar as roupas úmidas no ferro a brasa para secar na época do frio ou das chuvas, sendo que, algumas vezes, ela acabava se queimando. *"Era muita roupa. As meninas usavam fraldas de panos, eram poucas, tinha que secar no ferro a brasa, para trocar duas ou três vezes durante o dia e uma vez à noite antes de dormir"*.

Maju ajudava a avó a lavar a roupa de todos da casa, na beira do córrego. “*Não sei como ainda estou viva, poderia ter caído naquela água ou ter pego uma pneumonia, porque na mesma hora que estava mexendo com muito calor tinha que mexer na água fria*”. Continuando sua narrativa, ela detalhou que sua infância foi difícil, mas tinha momentos de alegria: “*A vida foi muito dura comigo, mas quando eu acabava os serviços, eu brincava no terreiro de secar café, subia nas árvores de frutas, lá tinha uma jabuticabeira bonita*”.

Ao completar 16 anos, a sua avó a entregou para uma família que estava de mudança para o município, onde ela se encontrava institucionalizada: “*Minha avó falou que ia ser melhor para mim, que eu ia poder estudar e que eu teria uma vida melhor, mas tenho para mim que ela teve os seus motivos para não me querer [protegê-la da violação pelo avô]*”. Nesse momento, o seu tom de voz ficou embargado. Foi preciso estimulá-la para dar prosseguimento. “*Eu era moça, viçosa, tinha os cabelos claros, lisos, com cachos pendurados nas pontas. Sempre fui muito magra, mas meu corpo já era de moça nova; quando tomava banho, ficava cheirosa*”. Nesse momento, Dona Maju mostrava-se agitada. As suas pernas se debatiam ligeiramente para os lados. As mãos, com os dedos entrelaçados, se apertavam. “*A casa era pequena, nós dormíamos todos juntos. Não gosto nem de lembrar disso, não gosto de me lembrar daquele velho [que a estuprava]*”.

Nesse momento buscou-se compreender aquela revolta em relação ao avô, mas, ao ser interpelada nesse sentido, abaixou a cabeça e permaneceu em silêncio. A reação de revolta e estresse da entrevista dava pistas da origem do sofrimento psíquico que, mais tarde, veio a ser confirmado. Como parte da terapia, sugeriu-se que ela falasse de outro assunto, perguntando como se deu a vinda para a cidade. Ela voltou a discorrer sobre sua mudança da roça para a cidade aos 16 anos de idade. Disse que na casa que foi trabalhar não tinha salário, mas que ganhava comida, roupas e os serviços eram bem mais leves, se comparados àqueles que estava acostumada a fazer na roça.

Ela mencionou que o fato de não ter mais contato com a avó e as irmãs lhe causava tristeza. Os padrões mantinham contatos com seus avós, mas ela nunca quis voltar a vê-los. Porém, na ocasião do falecimento da sua avó, os padrões a levaram na roça para participar do evento fúnebre. “*Só voltei na roça uma vez, no enterro da minha avó. Nesse dia vi as meninas, elas estavam crescendo*”.

Ela disse ter escutado uma conversa dos tios com sua patroa, acertando residências, na cidade, onde poderiam destinar as meninas. *“Eles estavam combinando de arrumar duas casas de família na cidade para as meninas trabalhar. Acredito que elas tenham vindo assim como eu, mas nunca mais fiquei sabendo de nada”*.

Continuando a descrição da cena do velório da avó, ela afirmou: *“Meu avô ainda estava vivo, como dizem: vaso ruim não quebra fácil. Ele estava lá, ainda mais velho e fedido, sentado do lado do caixão da minha avó, bem no meio da sala da casa dela”*. Durante o relato sobre o velório da avó, Dona Maju expôs sua revolta com o avô que

Fazia cara de coitado, mas nem cheguei perto. Ele levantou a mão para me saudar [cumprimentar], mas eu fiz que não vi, saí de perto e fui para o outro lado do caixão. As meninas ficaram o tempo todo na cozinha fazendo café, elas deviam estar com uns 15 ou 16 anos cada uma, não sei ao certo. Olhava para elas e para o caixão, sentia um aperto no peito. O que seria das meninas sozinhas com aquele sujeito?

Ela disse esperar que as meninas tenham sido enviadas, assim como ela, para as famílias na cidade e não necessitem conviver diariamente com seu avô. Afirmou que após aquela data não voltou ao local e não teve notícias dos familiares que permaneceram na zona rural. *“Sentia saudades das meninas, mas não queria ter que me encontrar com meu avô; por isso nunca mais voltei naquele lugar”*. Novo silêncio, cabeça baixa e introspecção. Segundos após, ergueu a cabeça e lamuriou: *“Melhor assim, acho que não ia gostar de ver as minhas meninas velhas”*. Assim como fez ao se referir à vara de marmelo usada pelo seu pai na coerção aos filhos, novamente a entrevistada relacionava o velho ao feio ou desagradável.

Foi perguntado se ela havia se casado. Ela abaixou a cabeça, manteve-se quieta e pensativa e acenou que não. Em seguida, disse que nunca havia namorado, que não achava os homens bonitos. *“Eles eram fedidos, eles eram sempre mais velhos do que nós, mulheres; alguns tinham uma ruga grande na testa, aquilo assustava a gente”*. Outra vez Maju atrelava o termo velho ao feio e ao desagradável.

Dado momento, ao ser indagada sobre o que gostaria de conversar naquele encontro, foi iniciada uma narrativa complexa e longa. Sem interrupção e descanso, evidenciava a necessidade que sentia de desabafar:

“Lembra-se que te disse que não namorei nenhum rapaz e que não me casei? Eu achava as moças da roça bonitas, até pensava que eu podia ser um homem para me casar com uma delas. A mais bonita era a Rosa, eu chamava de Rosinha, ela parecia uma rosinha mesmo, era cheirosa”.

Ao falar sobre a moça, a entrevistada sorria discretamente, aparentava um semblante de felicidade e saudosismo. *“Rosinha era uns três ou quatro anos mais velha do que eu, ela já era moça feita; um dia se casou e foi embora com o marido. Nunca mais vi a Rosinha, ela era nova e bonita”.* Nesse momento, Maju atrelou o novo ao belo, ou seja, evidenciando que a pessoa jovem trazia sensações prazerosas a ela, enquanto o velho era relacionado ao feio ou ao desprazer.

Ela disse que tinha um vizinho na roça que chegou a pedir à sua avó para que a namorasse e ele teve consentimento para isso, mas ela não quis. Assim, ela nunca teve proximidade com aquele, ou com outro rapaz, alegando que aquele homem um dia ficaria velho e isso não lhe agradaria.

Posteriormente, ao mudar-se para a cidade, ela teve contato com outros homens, como os dois filhos e vários sobrinhos da sua patroa, além de rapazes da rua e do bairro onde morou por várias décadas, mas nunca se interessou por nenhum deles. A filha da patroa, a Daniela, disse achá-la muito bonita e cheirosa, porém, concluiu que a moça tinha temperamento difícil, que brigava muito. Era agressiva e gostava de dar-lhe ordens para cumprir suas obrigações, desde limpar seus sapatos a lavar suas roupas, servir seu prato e arrumar sua cama. Em continuidade a seu relato, ela afirmou: *“Minha maior vontade era ir para escola com a Daniela, aprender a ler e escrever, assim podia ficar perto dela, cuidar dela fora de casa também, mas acho que não sobrava tempo para a escola”.* Relatava que, no período da manhã, horário destinado às aulas de Daniela, era preciso arrumar toda a casa, preparar o almoço e iniciar a lavagem das roupas. Disse ainda que, nas manhãs de domingo, quando a família se dirigia para a igreja para assistir às missas, ela preferia se manter em casa cuidando do almoço especial daquele dia.

Ela mencionou que não participava das missas por causa da exigência do perdão, já que mencionou que o padre sempre dizia da importância de se perdoar o próximo: *“Pois é, não perdoo o meu avô, não adianta o padre mandar. Também não gosto de sentar na igreja do lado daqueles velhos fedidos que moram aqui debaixo da gente”.*

Nesse momento ela apontou para baixo, fazendo alusão à ala masculina da ILPI, que se localizava no andar inferior do prédio.

Dona Maju tinha duas motivações para não frequentar as celebrações religiosas na Capela Católica: a culpa oriunda do não perdão, que via como uma obrigatoriedade imposta pela religião, a que ela não pareceu disposta a ceder; e a repulsa que manifestava em relação aos velhos, sobretudo aos homens, já que na Capela teria que, em algum momento, assentar-se próxima a eles. Em sua narrativa, os homens eram representados com as características que ela atribuía a seu avô: velhos, malcheirosos, enrugados e feios.

No nono encontro, ao ser indagada de como estaria passando, Dona Maju respondeu, com um sorriso, que se sentia mais leve: *“Sinto que tirei uns 50 quilos das costas; hoje vou tirar mais 400”*. Sorriu discretamente, iniciando uma narrativa longa que foi mesclada por lembranças interrompidas por choro:

“Eu servia [sexualmente] ao meu avô. Eu era uma menina de porte franzino e fraco, tinha só oito anos de idade e já tinha que servir aquele sujeito. Até hoje tenho pavor de pensar naquelas mãos enrugadas, naquele ... [referências aos órgãos genitais envelhecidos e sujos do avô]. Só pensava que ele deveria morrer e que eu nunca iria me casar com um homem que pudesse um dia ser velho também e fazer tudo aquilo comigo outra vez. Ele ficava cochichando nos meus ouvidos, dizendo que eu era muito melhor que a minha avó, que era velha. Isso foi dos meus oito anos até os meus 16 anos, quando eu fui embora daquela casa.”

Ela dizia que até o avô asqueroso sabia que gente velha é feia é indesejada, já que preferia a relação sexual com ela em detrimento da sua avó, atrelando o velho ao feio e indesejado:

“No dia que fui embora fiquei triste porque não ia ver a minha avó e as minhas afilhadas [irmãs], mas, ao mesmo tempo, fiquei aliviada porque não ia mais ver aquele... Enquanto minha avó e os outros choravam pela minha partida, eu nem conseguia chorar; acho que a vontade de ir para longe dele era maior que qualquer dor da saudade das pessoas que eu gostava.”

Prosseguiu a narrativa de forma contundente: *“Sou católica, mas não vou à Missa porque o padre fica falando que a gente tem que perdoar; eu não perdoar ele não, por isso prefiro rezar os meus terços aqui no meu quarto, cada hora rezo um. Para isso eu tenho vários terços, cada hora rezo um”*.

Dona Maju continuava fazendo menção a seu avô, detalhando as cenas dos abusos sexuais, que aconteciam à noite, ao lado da avó, que dormia. *“Ele me mandava deitar do lado dele e me bulia [tocava]. Aquilo era muito ruim, doía demais [...], eu fechava meus olhos e pensava no terreiro de café onde eu brincava, pensava que subia nos pés de frutas”*. Relatou os detalhes do sexo oral que o avô a obrigava. *“Aí era pior porque estava de dia e mesmo eu fechando os olhos, de vez em quando eu via [a genitália do avô]”*. Dona Maju se expressava com revolta e repulsa: *“Não sei como não fui levada pelas águas do córrego, eu entrava lá para lavar aquilo. Ficava muito tempo dentro das águas lavando a roupa e lavando a minha sujeira [líquido seminal]”*. Em seguida, calou-se. Manteve-se introspectiva, pensativa, depois fitou-me, dizendo: *“Quem vê cara não vê coração.¹ Aquele senhor que as pessoas consideravam tanto era um monstro! Não tive culpa, ele me obrigava, nunca gostei daquilo”*.

Após acolhê-la com as palavras necessárias para ajudá-la a superar a angústia que seu relato lhe causou, foi proposto uma pequena caminhada pelo pátio do asilo, desfrutando do assento à beira de uma árvore e com caminhada em direção aos vasos de flores para regá-las. Posteriormente, ela foi levada ao refeitório para tomar o lanche da tarde e depois para seu quarto. Ela estava tranquila, relaxada e com vontade de dormir.

Nos encontros subsequentes, Dona Maju prosseguiu a sua narrativa sobre os detalhes da infância e dos abusos que sofreu por parte do avô. Também mencionou, por várias vezes, a dor de se sentir doada aos avós paternos, e a dor da morte da sua mãe e da avó. Discorreu sobre o amor que sentia por Rosa, e a repulsa e nojo que sentia em relação aos homens, considerando-os genericamente com as características negativas. Em dado momento, argumentou:

“Ficava pensando que, com uma mulher nova, eu não sentiria dor e não tinha que enfrentar as pelancas fedorentas que os homens têm. Mas é claro que eu sou mulher, nunca que podia casar com outra mulher, mas se eu fosse homem, eu casava com Rosinha.”

¹ Ditado popular utilizado quando se quer dizer que não é possível estabelecer vínculo de confiança observada a aparência física do outro. Aquela pessoa pode não ser exatamente o que demonstra ser.

O único contato íntimo com homem foi extremamente desagradável e gerador de dores físicas e emocionais; o que pode explicar a falta de interesse de Dona Maju pelos homens. Entretanto, a maneira como discorria sobre Rosa revela o sonho de uma relação amorosa muito diferente da traumática e repugnante experiência sexual com seu avô. Os relatos de Dona Maju apontavam para uma vida íntima prazerosa no campo do imaginário, já que demonstrava encantamento pelos atributos femininos de Rosa.

Diante do sofrimento psíquico de Dona Maju, já que o objetivo do contato com ela não era apenas colher dados, mas também contribuir para seu bem-estar emocional, no décimo primeiro encontro, foi iniciado o processo psicoterápico da Dessensibilização Sistemática, utilizando técnicas que pudessem ajudá-la a se aproximar, gradativamente, dos homens e mostrar que eles, assim como as mulheres, não eram todos iguais; que existem homens bons e os ruins, cheirosos e malcheirosos, que promovem o bem e os que promovem o mal, independentemente da cronologia.

Como parte do processo, foram selecionadas revistas que continham fotos de homens jovens e velhos, em diversas situações. Era uma forma de iniciar um recurso de aproximação de Dona Maju daquilo que lhe causava mais pavor: os homens. Foram apresentadas figuras de homens velhos, fazendo gestos bons e homens novos fazendo atos ruins, visando a mostrar que nem todo o velho é ruim, assim como nem todo o jovem é bom. A bondade e a maldade podem acontecer em qualquer faixa etária, com ambos os sexos.

No início, a entrevistada não fixava o olhar nas fotos dos velhos, privilegiando as gravuras dos homens novos, mas ela era incentivada a olhar para as gravuras dos homens velhos, apontando os gestos de bondade que eles estavam fazendo no momento em que foram fotografados. Gradativamente, Dona Maju foi aceitando a proximidade com as fotos, evidenciando que fitá-las já não lhe causava mal-estar. Paralelamente, foi aplicada a técnica de respiração diafragmática, com ela deitada em sua cama, visando a promover alívio das características (emocionais) ansiosas e o relaxamento muscular.

As propostas de proximidade com os homens passaram a acontecer fisicamente. Ela foi levada ao pátio, no horário em que outros internos se encontravam tomando banho de sol. No início ela mantinha distância dos homens, mas aos poucos passou a aceitar se sentar ao lado deles e, posteriormente, aceitou conversar com eles. O processo total de aproximação com os homens se estendeu por cinco sessões.

Após esse período, a idosa passou a agir com serenidade e tranquilidade, quando se aproximava dos homens, com perceptível alívio do medo. O contato gradual com os homens passou a se estender à Capela, a ponto de Dona Maju relatar: *“Estou gostando de assistir às Missas, mas perdoar aquele sujeito é outra história”*.

Relação subjetiva de Dona Maju com os seus objetos afetivos

Dona Maju possuía quatro anéis, sendo três deles do tipo alianças e um anel de pedra amarela. Quatro terços coloridos, sendo um rosa, um preto e um cinza, confeccionados de plástico, além de um, de madeira amarronzada; e duas bonecas dispostas ao seu lado no leito.

As duas alianças em ouro, dispostas no dedo médio da mão direita, pertenceram a sua mãe e a sua avó. Quando Maju foi levada para a casa dos avós, ela pegou a aliança da sua mãe que estava guardada na gaveta do armário da cozinha e a guardou entre os seus pertences por oito anos, passando a usá-la aos 16 anos. A aliança da sua avó foi adquirida no dia do seu velório, quando solicitou aos familiares que lhe dessem aquele artefato, colocando-o e mantendo-o junto à aliança da sua mãe. A terceira aliança, utilizada no dedo médio da mão esquerda com o anel disposto acima foi ganhado da sua patroa.

“Ela um dia me disse que eu devia gostar de anéis porque nunca tinha tirado as alianças do dedo, por isso me deu uma aliança e um anel que ela tinha. Disse que era coisa simples, mas me dava porque nunca tinha me dado nada aquele tempo todo que morei e trabalhei lá. Não sei porque, mas me lembrei de Rosinha quando vi esses dois aqui [apontando para a aliança e o anel que ganhou da patroa]. Gostei e também nunca mais tirei do dedo.”

Os anéis que possui eram os únicos objetos antigos que carregava consigo e que se ligavam a lembranças de pessoas que marcaram positivamente sua vida e foram boas para com ela. As alianças da mãe e avó reportavam às pessoas que cuidaram dela. Traziam lembranças do amor materno, vivido ao lado da sua mãe, e o cuidado da avó, que a mandou-a embora para livrá-la dos abusos do avô. Os outros anéis lhe foram dados pela patroa, que disse ser uma forma de recompensá-la pelo tempo em que viveu e trabalhou para aquela família.

Aqueles anéis reportavam à valorização e reconhecimento pelo trabalho desempenhou por toda a sua juventude, vida adulta e velhice.

Dona Maju possuía também quatro terços. Sempre que a participante da pesquisa se encontrava deitada em seu leito, os quatro terços permaneciam na sua mão direita, entrelaçados e ligeiramente embolados. Ela disse que ganhou os terços de pessoas estranhas que a visitaram na ILPI:

“As pessoas devem achar que os velhos precisam rezar, sempre ganhei terços aqui, mas fiquei só com esses aqui. São os que mais gostei. Quando quero rezar para a minha mãe e minha avó uso esse preto; é quando meu coração fica apertado. Sinto saudades, mas uma saudade que não tem volta, só quando eu me for que encontrarei com elas. Já o cinza uso para rezar para os meus irmãos, sinto mais saudade das meninas, não sei se estão vivas, não tenho notícias. Esse aqui (de madeira), rezo para Deus ter piedade da minha alma.”

Ao falar dos terços, Dona Maju ficou em silêncio, como costumava fazer quando alguma lembrança lhe parecia mais dolorida. Estimulada a continuar seu relato, ela disse: *“Esse terço cor de rosa, eu rezo para Rosinha, não rezo sempre, porque é o que me causa maior tristeza. Não sei onde anda a Rosinha. Nunca mais tive notícias, mas gosto de rezar para ela, seja para vida ou morte dela”*. Ela relatou que, quando utilizava o terço rosa em suas orações, ela ficava mais desanimada, retraída, tristonha e costumava não se levantar, passando o dia todo acamada, sem interagir com as pessoas, murmurando algo repetitivo e melancólico, tipo uma lamentação. Como esse artefato gerava maior desconforto emocional, trazendo um misto de expectativas e saudades de alguém que não viveu ao lado de Rosinha, ele era o menos utilizado: *“Rezo pouco nesse terço cor de rosa, fico muito tristonha ao me lembrar de Rosinha”*. Foi perguntado se ela gostaria de falar sobre Rosinha e ela disse que falaria em outro momento.

Quando ela usava o terço preto para rezar para a mãe e a avó, ela sentia-se saudosa, porém conformada com a morte. O terço cinza, usada para orar pelos irmãos, causava tristeza atrelada à dúvida, pois ela não sabia se os irmãos estavam vivos. Assim, ela não se focava na oração, mas costumava interrompê-la para conversar com as pessoas e interagir com os visitantes, oscilando tristeza com alegria.

Já o terço de madeira era voltado para seus sentimentos mais intrínsecos; envolvia pedido de clemência a Deus e medo do que virá após a sua morte, cuja incerteza lhe gerava ansiedade. Ela afirmou utilizá-lo para as orações durante as noites de insônia. Ao explicar sobre as cores dos objetos e suas relações com as pessoas que guardava em sua memória, a narrativa da idosa apontava para menor ou maior grau de sofrimento e recordações. Enquanto uns remetiam à maior saudade, outros remetiam à lembrança atrelada à dúvida e à tristeza profunda. Para cada um dos momentos de suas orações, conduzidos pelos seus artefatos religiosos, havia características distintas de humor. Conforme Bleuler (1971, p. 192), “o humor corresponde, do ponto de vista biológico, à primazia de uma função vital, o qual envolve todas as atividades intelectuais, emocionais e vegetativas”. O humor pode influenciar os comportamentos.

Além dos anéis e terços, Dona Maju possuía duas bonecas que se encontravam próximas a seu travesseiro ou deitadas ao seu lado. A boneca maior tinha lenço colorido com cores amarronzadas amarrado na cabeça, com nó exposto na altura da testa, grampinho cuidadosamente colocado por cima do lenço, roupa de tecido cinza com manga bufante sobreposta por uma capa de plástico. Um cinto prateado modelando a cintura, chupeta cor de rosa na boca, além de ser envolvida por um plástico que era amarrado na cintura e debaixo dos joelhos. A boneca menor tinha cabelos loiros com um coque no alto da cabeça, penteado original de fábrica e era ornamentada por uma faixa de renda bege na altura dos quadris e na cintura, blusa roxa e calça cinza.

Para adquiri-las, ela disse que, de tempos em tempos, solicita a alguém que jogasse as bonecas fora, e lhes trouxesse novas. “*Não gosto de pessoas velhas*”. Mencionou ainda que pediu à diretora da ILPI para jogar as bonecas fora, bem longe dali, onde ninguém pudesse pegá-las. Em seguida, solicitou novas bonecas, indicando que fosse uma maior, e outra menor. Ao ser indagada se não seria melhor doar as bonecas velhas para outra pessoa que não possuía nenhuma, ela respondeu:

“De jeito nenhum, não dou as bonecas, peço para jogar fora, bem longe, onde ninguém encontre. Como eu te disse, não gosto de pessoas velhas, por isso peço bonecas novas. A dona daqui me dá. A gente dá, é animal. As minhas bonecas, eu não dou. Prefiro jogar fora.”

O não doar as suas bonecas reporta à sua própria trajetória de vida, marcada pelo fato de ela ter sido doada para seus avós, posteriormente para uma família estranha e, por fim, para o asilo. A cada nova residência, ela deixava para trás suas referências e relações. Os lugares onde ela morou nunca eram definidos por ela própria, mas por outras pessoas que decidiam os rumos de sua vida.

Dona Maju foi explorada a vida toda na casa de uma família onde trabalhou sem receber salário ou ter carteira assinada. O trabalho braçal, livre de violações sexuais, realizado por várias décadas, possibilitou o estabelecimento de um forte vínculo de amizade e consideração com sua patroa, que, já ao ficar viúva, se tornou dependente fisicamente de Dona Maju. Ela ainda ajudou no cuidado da filha da sua patroa, Daniela, que faleceu aos 50 anos com câncer de estômago, além de cuidar dos filhos de Daniela, bem como de sua patroa, que morreu tempos depois da morte da Daniela. Com o falecimento da sua patroa, na mesma semana, Dona Maju foi institucionalizada por João, neto da patroa. Assim, ela afirmou não se sentir considerada pelas pessoas com quem conviveu: *“Parece que eles estavam esperando ela morrer para me trazer para cá; perdi a serventia para eles”*. Dona Maju recebia visitas frequentes de João. *“Ele sempre fala que me trouxe para cá porque não tem como cuidar de mim. A esposa dele não tem simpatia comigo”*.

Dona Maju não queria que suas bonecas “vivenciassem” a dor de ser doada, algo que ela experimentou quando criança; por isso, elas eram frequentemente substituídas sem ser doadas, ou antes que ficassem velhas. Sua trajetória levou-a a internalizar a ideia de que a convivência com as pessoas velhas não é boa, pois seu avô que a violava sexualmente e sua avó que precisou doá-la para defendê-la, eram pessoas velhas.

Ao ser questionada sobre quando reconhecia que suas bonecas envelheciam e precisavam ser trocadas por outras novas, Dona Maju disse: *“Quanto elas estão ficando sujas; aí sei que ficaram velhas; as pessoas velhas são sujas e cheiram mal”*. Assim, quando as bonecas ficavam velhas, elas precisavam ser trocadas por novas, como forma de recusa à velhice para evitar a dor.

Ao perguntar como ela via o próprio envelhecimento, ela respondeu que evitava ao máximo olhar para as suas mãos, nunca se trocava na frente dos outros, só no banheiro, sempre de costas para o espelho. *“Até para pentear os cabelos não gosto muito de olhar no espelho. Dizem que eu tenho mais de 90 anos, mas sei que não passo dos 50”*. Nessa fala a entrevistada deixava evidente a resistência ao seu processo de envelhecimento.

A diretoria da ILPI que fazia a troca das bonecas disse que Dona Maju solicitou a troca das bonecas e também tecidos, plástico e pedaços de barbantes, paninhos e grampinhos de cabelo. *“Nunca consegui compreender os pedidos daquela idosa. Isso sempre me instigou. Ainda a atendia, pois parecia lhe causar alegria”*. Disse ainda que quando ocorriam as trocas das bonecas, a própria idosa se encarregava de ornamentá-las as suas novas bonecas. *“Aquilo parecia muito importante para ela”*.

O plástico que cobria a extensão do corpo da boneca maior e era amarrado na cintura e nos joelhos era uma forma de mantê-la inviolável para que ninguém pudesse forçá-la a se abrir ao indesejável. A rigidez e impermeabilidade do plástico e a força contida nos nós que prendiam as pernas funcionavam como uma armadura protetora e inviolável para evitar o estupro: *“Aquilo foi a pior dor que já senti; isso não deveria acontecer com uma criança, é muito sofrimento, é uma covardia”*.

A boneca que corporificava o medo e aversões subjetivas da sua proprietária personificava a sua própria experiência com a dor e o medo. Ela simboliza todo o sofrimento que teve ao longo da sua meninice: *“A maior ainda chupa bico, assim dá para ver que ela é criança, não deve botar outra coisa na boca, só o bico”*. A chupeta que ocupa a boca da boneca simboliza a recusa ao sexo oral a que era submetida, bem como a proteção que gostaria de ter tido.

O avô que abusava de uma menina de oito anos apresentava um corpo deteriorado, enrugado e malcheiroso, devido à falta de cuidados higiênicos, suor resultante do trabalho braçal debaixo do sol quente e resquícios de urina presentes em suas roupas. A combinação desses odores era, para ela, repugnante: *“O pior cheiro que já senti em toda a minha vida”*. Essa experiência a levava a evitar as pessoas velhas, para fugir do desprazer de conviver com aquele cheiro que remetia a uma experiência traumática.

A relação de Dona Maju com seus objetos reporta à percepção de que o velho é sujo, ruim, promotor de dor e de violação. Além disso, refere-se à ideia de que as relações familiares são provisórias como suas bonecas que devem ser substituídas.

Ao longo de sua vida, Dona Maju viveu vários lutos. Py (2004) ressalta que o luto é um trabalho psíquico que se faz pelas perdas que vamos sofrendo ao longo da vida, e não se restringe à morte de uma pessoa querida, ou seja, o luto se dá como reação emocional frente a uma significativa perda. Dona Maju passou por vários episódios de luto ao longo da sua trajetória.

Enlutou-se ao perder os pais; ao perder o convívio com os irmãos; ao perder a sua meninice, já que na sua infância foi forçada ao serviço doméstico incompatível com sua faixa etária; perdeu por outras duas vezes os novos lares onde residiu; perdeu todos os pertences pessoais que juntou ao longo desses períodos em contato com novas famílias; e perdeu o direito às experiências não vividas, eliminando, assim, seus sonhos. Arrancaram-lhe o direito às escolhas e, por consequência, perdeu o encantamento de uma vida vivida, conforme os direcionamentos de outrem.

Conclusão

O presente estudo evidencia que, entre os maiores desafios para se compreender a relação subjetiva pessoa-objetos afetivos, está o acesso à memória da participante da pesquisa, uma vez que, buscar por conteúdos guardados na memória pode, em um primeiro momento, gerar sensações e sentimentos promotores de mal-estar.

A análise do caso de Dona Maju aponta para a complexa relação entre pessoa e objetos afetivos, trazendo elementos que subsidiam a compreensão de processos psíquicos de alta complexidade. Além disso, o estudo mostrou que a metodologia contida em alguns instrumentos pode não abarcar a subjetividade do sujeito, sendo necessário disponibilizar tempo de escuta e reorganizações dos métodos, contemplando a individualidade e as peculiaridades de cada participante de determinada pesquisa. A pesquisa mostra que a metodologia empregada no processo investigativo precisa ser readaptada em função das circunstâncias que surgirem no decorrer da pesquisa. Caso tivesse sido mantida uma metodologia rígida, a comunidade científica teria sido privada da compreensão das especificidades envolvidas no caso de Dona Maju.

Dona Maju faleceu durante o processo da pesquisa. Entretanto, acalento saber que no período final da sua vida foi experienciado certo alívio emocional e superação das suas dores traumáticas, uma vez que a participante já desfrutava de melhoras significativas do seu quadro de sofrimento psíquico. Embora nos momentos destinados às entrevistas se contabilizaram revelações paulatinas de um passado de dores diversas, angústia, revolta, repulsa e medo, esses sentimentos foram amenizados por meio dos recursos psicológicos que foram disponibilizados a ela, favorecendo o preparo para a sua morte. Como ela mesma dizia: *“Os bons têm a morte que merecem, sem sofrimento, dormem e não acordam mais”*.

Dona Maju faleceu, deixando um rico legado para o universo acadêmico, pois sua participação neste estudo contribuiu para a compreensão da complexidade das relações subjetivas contidas entre pessoa idosas-objetos afetivos.

Referências

- Araújo, N. G. (2011). Fobia específica: passo a passo de uma intervenção bem-sucedida. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva*, 7(2), 37-45. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n2/v7n2a07.pdf>.
- Bauer, M. W. (2002). George Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Martin W. Bauer, & George Gaskell. (Eds.). Guareschi, P. A., Trad. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bleuler, E. (1971). La afectividad. In: Bleuler, E. *Tratado de psiquiatria*, 87-10. (10^a ed.). Madrid, España: Espasa-Calpe.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1994.
- Candau, J. (2012). *Memória e identidade*. Maria Letícia Ferreira, Trad. São Paulo, SP: Contexto.
- Freitas, M. A. V., & Scheicher, M. E. (2010). Qualidade de vida de idosos institucionalizados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 395-401. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a06v13n3.pdf>.
- Gayotto, M. L. (1992). Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo. In: *Curso de especialização em Coordenação de grupos operativos*. Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.].
- Martins, G. de A. (2008). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. (2^a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). O Reflexo Aprendido: Condicionamento Pavloviano. In: Moreira, B. M., & Medeiros, C. A. *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*, 29-46. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Penn, G. (2002). Análise semiótica de imagens paradas. In: Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 319-342. Pedrinho A. Guarechi, Trad. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Py, L. (2004). *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS
- Py, L. (2006). *Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais*. (2^a ed.). Holambra, SP: Editora Setembro.
- Rey, F. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Thomson.

_____. (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.

Silva, L. M. G. da, Brasil, V. V., Guimarães, H. C. Q. C. P., Savonitti, B. H. R. de A., & Silva, M. J. P. (2010). Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 8(4), 52-58. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n4/12384.pdf>.

Turner, R. M. (2002). Dessensibilização sistemática. In Caballo, V. E. (Org.). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*, 167-195. São Paulo, SP: Santos.

Recebido em 24/11/2018

Aceito em 30/03/2019

Marta Maria Gonçalves Rigueira – Psicóloga, com ênfase em Psicologia Clínica. Mestranda, Departamento de Economia Doméstica, área Psicologia. Universidade Federal de Viçosa. Colaboradora voluntária do Programa Municipal da Terceira Idade, PMTI da Universidade de Viçosa e Prefeitura Municipal de Viçosa. Viçosa, MG. Jornalista profissional.

E-mail: martarigueira@yahoo.com.br

Rita de Cássia Pereira Farias – Doutora em Antropologia, Unicamp. Graduação e Mestrado em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, UFV. Viçosa, MG. Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa.

E-mail: farias.rcp@gmail.com